

Educação e comunicação: reflexões sobre um campo de pesquisa*

Laura Maria Coutinho

Professora da Faculdade de Educação da UnB, doutora em educação pela UNICAMP.
e-mail: lauramc@uol.com.br

Resumo

O artigo discute algumas das relações entre a educação e a comunicação como campo de pesquisa e prática de trabalho para o educador. Propõe questões teóricas e práticas a respeito das novas linguagens que surgiram com o uso das tecnologias de comunicação-educação, sobretudo a televisão e o computador.

Palavras-chave

Educação; comunicação; pesquisa.

Abstract:

The article in hand discusses some of the relationships between education and communication as a field of research and work environment for the educator. It proposes theoretical and practical questions regarding new languages that have been created with the use of communication and education technologies, especially the television and the computer.

Key words

Education; communication, research.

* Este texto resume palestra proferida no V Encontro de Pesquisa em Educação do Centro-Oeste, em Uberlândia, em 12/06/2002.

Para abrir estas reflexões sobre o campo de pesquisa **educação e comunicação**, quero ressaltar que diversos experimentos e investigações, na confluência dessas duas áreas, revelam já um longo caminho percorrido. Mas ainda há muito a percorrer. Início lembrando que buscarei abordar essa temática com a convicção de que o que move um pesquisador é menos a certeza e mais a dúvida. Assim, acredito, é preciso trabalhar com muita clareza as perguntas e buscar situá-las nos diferentes cenários onde ações educativas e comunicativas acontecem, juntas ou separadas. Só assim, penso, será possível uma aproximação das respostas necessárias. O que trago para esta reflexão são também as minhas próprias dúvidas como pesquisadora, consciente de que os educadores que se interessam por essa área compartilham de muitas delas.

Comunicação e educação, quando reunidas, fazem emergir, para efeito da educação que hoje se deseja praticar, o sentido do novo. Novos instrumentos, métodos, tecnologias, fórmulas, novos processos parecem se apresentar. É com muita frequência, nesse campo de pesquisa e atuação, que surgem questões fundamentais da contemporaneidade relativas à inovação, à novidade. Como lidar com esses aspectos? Como fazer com que as atividades que unem comunicação e educação venham a contribuir para concretizar ações no sentido da construção da educação brasileira? Essas são perguntas que afetam a todos os educadores que buscam incorporar meios de comunicação a processos educacionais. E, da mesma forma, buscam refletir sobre que tipo de educação os meios de

comunicação realizam.

Cabe lembrar que o *novo* é uma categoria temporal e, portanto, em constante movimento, passagem, mutação. E traz ainda o sentido agregado das tecnologias que a humanidade constrói. A essa altura, recorro a Walter Benjamin (1987:117), lembrando

[...] como nossos telescópios, aviões e foguetes [televisores, computadores, satélites] transformaram os homens antigos em criaturas inteiramente novas, dignas de serem vistas e amadas. De resto essas criaturas também falam uma língua inteiramente nova. Decisiva, nessa linguagem, é a dimensão arbitrária e construtiva, em contraste com a dimensão orgânica.

As tecnologias que permitiram o surgimento de processos de comunicação em larga escala e as novas linguagens que delas emergiram têm sua gênese nas descobertas científicas do final do século XIX e início do XX. Bachelard (1996:9), no seu livro *A formação do espírito científico*, escrito em 1938, divide a ciência em três momentos. O *estado pré-científico*, que “compreenderia tanto a Antiguidade clássica quanto os séculos de renascimento e de novas buscas como os séculos XVI, XVII e até XVIII”. O *estado científico*, preparado no fim do XVIII, chegaria até o início do século passado. O ano de 1905 marca, para Bachelard, o *novo espírito científico*, “momento em que a Relatividade de Einstein deforma conceitos primordiais que eram tidos como fixados para sempre”, colocando em questão as certezas humanas.

E, talvez, o mais significativo para as ciências da educação seja a pergunta que começa a se colocar mais fortemente:

doravante, o que é o certo? Toda a ciência fica marcada, então, por esse *novo espírito*. Todas as áreas do conhecimento começam a se renovar dando sinais do que Bachelard (1996:9) chamou de espantosa maturidade espiritual. "A partir dessa data, a razão multiplica suas objeções, dissocia e religa as noções fundamentais, propõe as abstrações mais audaciosas". Os instrumentos e linguagens que se incorporam cada vez mais aos processos educativos, fotografia, cinema, televisão, computadores, têm sua gênese nesse momento histórico. São esses instrumentos que vão permitir que a humanidade entre no que Benjamin (1987:165) chamou de "a era da reprodutibilidade técnica". Todos esses instrumentos são, de certa forma, comprometimentos com suas origens, embora nem sempre as evoquem; o computador, para dar só um exemplo, surgiu para estudos de balística, durante a Segunda Guerra Mundial.

O *novo espírito científico* gerou tantas novas idéias que, acredito, possa ter gerado também o espírito da novidade e isso, para quem atua em educação, é algo muito delicado: a busca do novo a qualquer preço. As questões que o novo suscita têm implicações com o tempo de que falávamos acima e, mais ainda, com o antigo. O que engendra outra situação complexa, se não soubermos lidar com ela, que é o espírito do descartável. Tudo se passa como se o novo sempre pudesse prevalecer sobre o antigo, e muitas experiências significativas são relegadas ao segundo plano ou mesmo descartadas. No entanto, posso pensar que a educação a distância – um dos processos mais modernos de ensino – talvez

tenha suas origens nas cartas de Platão ou ainda nas pinturas rupestres de cavernas que se espalham por todo o planeta. Sobre tudo essas últimas pairam como um desafio à compreensão das próprias origens do homem e de suas experiências de comunicação com seus contemporâneos e com todas as gerações que o sucederam.

O universo da comunicação humana é, hoje, pela ação da mídia, um espaço povoado de imagens, sobretudo visuais. Imagens de todos os gêneros povoam os grandes conglomerados habitacionais e podem ser vistas em muitos lugares. Imagens trazem em si um sentido estético profundo, tocam mais as sensações que a razão e, em tensão, fazem emergir lembranças, rememorações e, assim, suscitar novos sentimentos e indagações, ao infinito. Assim, penso, estão muito próximas do sentido de transdisciplinaridade que envolve a dimensão espacial e perpassa a reflexão sobre nossas duas áreas: comunicação e educação.

A transdisciplinaridade reata com os grandes princípios dos humanistas do Renascimento. Com ela, tomamos a encontrar a inteligência das disciplinas. A nova catedral é aquela da inteligência, da poesia, da visão, que associa todos os ofícios num novo companheirismo no qual cada um aporta o seu saber para que juntos possam reencontrar a harmonia das proporções. (...) A visão transdisciplinar é tanto uma visão quanto uma metodologia do conhecimento, é um encontro da riqueza do sentido aparente e do sentido escondido mediante um diálogo entre as ciências e as tradições, entre as ciências e a beleza da poesia e da arte (RANDON, 2000:118).



ALIX, Yves. *Saturne*, 1930. Fonte: Le Monde Diplomatique, outubro, 1999.

A imagem que apresento acima é a de Saturno para os romanos, Cronos ou Urano para os gregos, o Deus que devorava os próprios filhos com receio de que estes o destronassem (Chevalier et al, 1999, p. 307). Cronos é relacionado com a dimensão temporal dita, por isso mesmo, cronológica, que a tudo e a todos consome, é o tempo que passa inexoravelmente rumo a um fim. Essa imagem, de 1930, de Cronos devorando um dos seus filhos, tendo a Torre Eiffel como pano de fundo, é emblemática para efeito dessa reflexão, sugere uma leitura que une o Deus mítico do tempo com a modernidade histórica, momento em que a tecnologia surge com toda a sua força nas Exposições Universais do início do século XX. Parece ainda sugerir que mesmo a mais poderosa das tecnologias não poderá fugir à ação do tempo. Essa dimensão temporal é, a meu ver, fundamental para se pensar educação, educação a distância, educação com novas tecnologias, educação e comunicação, pois, ao pensar o novo, talvez fosse necessário pensá-lo

também como antigo, não somente como já acontecido, mas o que, de antigo, ainda permanece no tempo presente e naquilo que ainda está por vir.



KUBIN, Alfred. *La frontière*, 1951. Fonte: Le Monde Diplomatique, outubro, 1998.

Esta outra imagem é a Fronteira, 1951, e um dos seus pontos de destaque é um relógio. Nesta imagem, espaço e tempo fundem-se para estabelecer limites entre um instante e outro, entre um lugar e outro. Uma fronteira entre lugares, entre temporalidades, entre áreas do conhecimento, é sempre arbitrária, uma convenção. O conhecimento que aponta novos métodos, novas tecnologias, está a exigir, igualmente, novas posturas de cientistas, educadores, comunicadores, para além dos processos tecnológicos.

O saber compartilhado deverá conduzir a uma compreensão compartilhada baseada no respeito absoluto das diferenças entre os seres, unidos pela vida comum sobre uma única e mesma terra (Freitas et al, 1994, p. 180).

Assim, podemos pensar que a divi-

são entre as duas áreas que compõem o campo de pesquisa *educação e comunicação* será cada vez mais tênue. E o desafio de refletir sobre esse campo de pesquisa tão vasto nos remete, logo de saída, a um dilema e a uma tensão, porque comunicação e educação podem ser vistas juntas e separadas. E ao expressar essas duas palavras somos levados a trabalhar as perguntas: o que significaria cada uma delas e a que educação nos remete?

Fredric Jameson (1997), crítico literário e pensador marxista, em seu livro *As sementes do tempo*, propõe que nos tempos atuais são mais propícias as antinomias como possibilidades de pensar as dualidades que, não necessariamente, seriam tomadas como contradições. Quando nos voltamos para um campo de pesquisa que envolve duas áreas claras de atuação como *educação e comunicação*, encontramos nos textos, nas reflexões e nos achados, situações apresentadas ora como dilemas, ora como contradições e, como sugere Jameson, como antinomias. De um lado, temos duas práticas sociais em tensão: *educação e comunicação*. Por outro lado, parece não haver nada que nos impeça de unir esses dois campos com uma simples conjunção "e": *comunicação-e-educação*. Esses dois campos poderiam ser percebidos como um conjunto interseção: um espaço no qual duas ações se sobrepõem, guardando as especificidades próprias de cada uma. Duas ações que, num dado espaço-tempo, se sobrepõem, se integram, se interpenetram, se inter-relacionam.

O locus prioritário da educação ain-

da é a escola e o da comunicação é a mídia – televisão, cinema, rádio, computador, impressos. Mesmo a educação a distância, que se vale dos processos de comunicação, ocupa-se com os momentos presenciais, encontros entre professores e alunos, dos quais não pode prescindir totalmente. A dimensão presencial ainda é algo que se coloca como forte indagação quando se trata de educação a distância. Que atividades são mais próprias para serem feitas a distância? O que serão, ou não, momentos presenciais nos processos de educação a distância? Todas essas são indagações que emergem de reflexões sobre educação a distância que, cada vez mais, incorpora tecnologias e processos de comunicação em larga escala.

Muitas escolas estão valendo-se dos mecanismos tecnológicos, sobretudo da televisão e da informática, para incorporá-los ao trabalho educativo. As relações educacionais deixam de ser somente com o professor e a sala de aula começa a adquirir computadores, televisores, videocassetes. E incorporamos, com a introdução das tecnologias, uma outra categoria, a *massa*. As pessoas deixam de ser apenas pessoas e se transformam também em massa, tornam-se personagens que interagem em um universo comum. Outras implicações surgem, gerando novas questões sobre as quais precisamos nos debruçar. Hannah Arendt (1995:55) chama a atenção para o fato que pode ser um desafio para educadores:

A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e contudo evita que colidamos uns

com os outros, por assim dizer. O que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é esse o fator fundamental: antes, é o fato de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las.

No momento em que a comunicação e a educação como práticas sociais se dividiram, a escola prioritariamente abrigou a educação, que passou a ser identificada com os processos segmentados e hierarquizados que ocorrem nas salas de aula. O que compreendemos como comunicação ficou afeta aos jornais, às redes de televisão, ao cinema, produzidos para grandes massas heterogêneas. Nesse momento, surge um outro problema: o controle. Diferente do que ocorre nas escolas, o que os meios de comunicação veiculam não é controlado pelo indivíduo ou grupos de pessoas que deles se utiliza. Muito pouco é possível fazer, no caso da televisão, que é o meio mais presente na sociedade, além de ligar ou desligar o aparelho e, mais recentemente, usar o controle remoto, que faz aparecerem e desaparecerem imagens e sons, reproduzidos ao infinito.

A educação vale-se, cada vez mais, dos processos de comunicação e não acontece mais só em salas de aula, pode replicar-se em outros espaços e em outros momentos distantes do local onde é gerada, por meio dos livros, da televisão, do computador. De certa forma, foge do rígido controle das escolas e dos sistemas de educação. Alcança o público em outra esfera: a da massa heterogênea e sem seriação. Comunicação e educação tornam-se, assim,

processos cada vez mais próximos e talvez só se dividam nos espaços em que se institucionalizam. As escolas e os meios de comunicação de massa conformam a expressão contemporânea, aquilo que a sociedade deseja registrar na memória humana, e para isso se valem de variados instrumentos, processos e situações que incorporam tecnologias sempre mais sofisticadas.



SELÇUK. *Sem título*. 1998. Fonte: Le Monde Diplomatique, dezembro, 1997.

As pessoas, sobretudo as crianças, são longamente expostas à televisão. Essa é uma situação que gera várias perguntas e muitas pesquisas têm sido desenvolvidas buscando desvelar tal situação: a tevê como babá eletrônica. O que acontece com as crianças que, órfãs de mães e de babás durante grande parte do tempo, ficam em casa vendo Xuxa, Angélica, Pokémon, Castelo Rá-Tim-Bum, Cocoricó? Aqui já incorporamos uma outra dimensão ao nosso campo de pesquisa: o público infantil. A televisão há

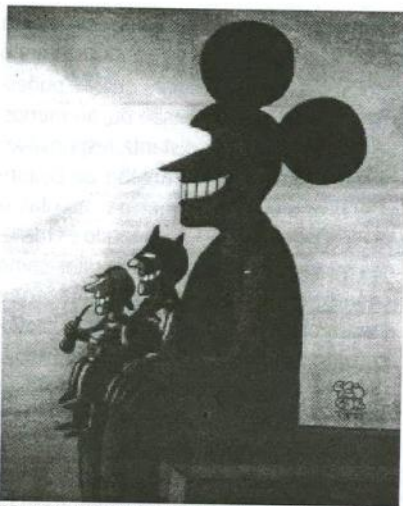
muito descobriu esse filão, além de personagens animados ou de carne e osso, o público infantil é consumidor de iogurtes, sorvetes, roupas, serviços. Muitas pesquisas têm procurado responder às questões que os programas infantis geram. Qual é a educação que a televisão realiza? Como tratar a exclusão que se explicita na distância entre os produtos anunciados e a possibilidade de consumo da maioria da população? Este é, portanto, um vasto campo de pesquisa, pois ainda não conseguimos responder a muitas das indagações que daí emergem.

Depois da babá eletrônica, as crianças atingem a idade escolar e, então, dividem sua infância com a *tia* da escola e as *tias* da tevê. Os programas infantis que a televisão veicula, assim como as escolas infantis, são, prioritariamente, conduzidos por mulheres. Esse é um mecanismo que educa fortemente as crianças, sobretudo quanto ao papel social dos gêneros feminino e masculino. A educação visual que a televisão realiza promove um modelo de sociedade. Como o aluno a percebe e se percebe como pessoa dentro dela, é outro desafio. É papel da escola formar o telespectador crítico e capaz de selecionar a programação porque compreende a qualidade do que vê. Então, outras perguntas se colocam: como formar o telespectador crítico? Qual a relação entre a escola e a televisão?

A televisão é sempre afirmativa, de onde alguns pesquisadores concluíram, em seus estudos, que a televisão é autoritária. Cito como exemplo o trabalho de Rocco (1989), que analisou o programa *Silvio Santos*, chegando à conclusão do quanto autoritário é o discurso televisivo. A televisão

produz um discurso que pode nos levar à submissão. Assim sendo, seria necessário educar o telespectador para que ele pudesse se defender da televisão ou, ao menos, vê-la de forma crítica, distante, responsável. Nessa direção, cito o trabalho de Belloni (1992), que procura formar, nas escolas, o telespectador crítico, desvendando os mistérios que a televisão procura ocultar, como os processos de transmissão de imagens e sons, a construção da linguagem, os efeitos especiais, por exemplo.

No cinema, a produção cultural destinada à infância e à juventude também é vasta. Somente os Estúdios Disney são responsáveis por uma relação enorme de títulos oferecidos em salas de cinema, em videocassete, na televisão. A televisão há muito estratificou sua programação e explora a dimensão espaço-temporal da infância. E mais questões se apresentam: que filmes são próprios para a criança? O que as crianças e o jovem estão vendo? Que tipo de informação estão recebendo? Qual é a qualidade da programação infantil produzida pela tevê? Castelo Rá-tim-bum não é Xuxa, mas o que os difere para além dos enredos e tramas que apresentam? Algumas pesquisas já procuram responder a essas questões. E já apontam, entre outros aspectos, que, via tevê, muitas crianças estão sendo erotizadas mais precocemente e sendo formadas segundo padrões de beleza originários do cinema americano, formulando diversos preconceitos. Louras de olhos azuis e corpos esculturais são personagens que povoam as manhãs da tevê brasileira e, muitas vezes, ao mesmo tempo, as revistas eróticas das bancas de jornal.



SELÇUK. *Sem título*. 1997. *Le Monde Diplomatique*, maio, 1997.

O cinema, o rádio, a tevê, o computador são instrumentos dessa indústria que vem se mantendo em franca evolução: a comunicação de massa. A televisão e o computador surgem com novas possibilidades, podendo reunir ou associar todas as demais linguagens. O cinema perde o glamour da sala escura e ganha as telas das tevês. O que acontece nessa passagem da sala escura para as telas que irrompem em todos os lugares? Os filmes, nas televisões, apresentam histórias de todos os gêneros e de todas as qualidades, compondo uma única narrativa. E novas indagações se colocam: será que as crianças devem assistir a toda a programação? Deve ser livre? Como lidar com a programação que a televisão oferece? Novas questões se impõem a toda a sociedade, mas, sobretudo, aos educadores.

Talvez, antes de responder as questões que emergem mais facilmente, o grande desafio para os educadores seria trabalhar as perguntas: o que realmente está precisando ser descoberto quando se trata de educação e comunicação?

Grande parte dos filmes veiculados na tevê, que também estão disponíveis nas locadoras de vídeo, são estrangeiros, americanos. Em 1936 foi criado o Instituto Nacional do Cinema Educativo, que tinha como propósito levar o cinema e a cultura nacional a todas as escolas brasileiras. Essa experiência, coordenada pelo diretor de cinema Humberto Mauro, foi muito importante, mas não conseguiu firmar-se por muito tempo. Assim, hoje, a realidade mostra uma verdadeira massificação da cultura americana, por meio dos filmes. O que acontece com um povo que expõe crianças, jovens e adultos a um tipo de cultura prioritariamente estrangeira? O cinema brasileiro tem crescido muito, mas ainda é incipiente.

Da cultura nacional, restam as novelas. Nesse aspecto, o Brasil é praticamente imbatível. As novelas brasileiras correm em nível mundial com as mexicanas, e as atuais condições de produção e distribuição da televisão brasileira as tornam uma referência no gênero e conseguem fazer com que parte da população mundial tenha sofrido com a *Escrava Isaura*, dançado no *Dancing Days* com Sônia Braga, chorado as lágrimas infundáveis de Juliana à procura de seu Mateu. Como uma colonização às avessas, entramos na era da *globalização*, somos também visíveis por todo o mundo.

E aqui, próximo de nós, nas nossas casas, nas nossas escolas, o que acontece com nossas crianças, jovens e adultos expostos cotidianamente a toda sorte de histórias narrativas? Que tipo de educação essas histórias proporcionam? Que visão de país as novelas expõem ao público? Existe um fluxo ininterrupto de narrativas – uma novela termina e outra já começa – e talvez fosse importante compreender este processo de comunicação/educação que constrói e reconstrói o imaginário nacional e o que ele proporciona à criança e aos jovens, principalmente.

A televisão trabalha com realidade e ficção que se mesclam todo o tempo, entre novelas, shows, programas de auditório, publicidade, desenhos e telejornais. Aos telejornais cabe apresentar a realidade, a história contemporânea. Mas qual é essa realidade e como ela é retratada nos telejornais? Toda linguagem audiovisual, de que são feitos a televisão e o cinema, é sempre ficção e realidade. Que personagens, caricaturas, tipos, os programas televisivos constroem para apresentar aos telespectadores? Como a realidade televisiva é percebida pela população e pelos alunos nas escolas? Que tipo de informação e de conhecimento é veiculado? Como são construídas as narrativas? A televisão já deixa explícito, na sua grade de programação, o que é real, o que é ficção, o que é diversão, o que é lazer, o que é educação. A televisão é estratificada obedecendo a um conteúdo-forma, determinada também pelos anunciantes e seus produtos que, mesmo surgindo como algo externo ao que é mostrado como conteúdo

do programa, integram, com igual força, a mesma narrativa.

Televisão é entretenimento, diversão. Pode o entretenimento educar? Como isso ocorre? Que programas conseguem entreter e educar com certo sucesso? Cito o trabalho de Carneiro (1999), que estudou o programa *Castelo Rá-Tim-Bum*, da TV Cultura de São Paulo, como um exemplo de entretenimento e educação na televisão brasileira.

No Brasil, a educação serviu como mote para a entrada do país na era das telecomunicações. A criação do Projeto SACI – Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares, um programa de teleeducação patrocinado pelo Instituto Aeroespacial de São José dos Campos, pretendeu levar educação básica para todos os brasileiros que estavam fora da escola, nos anos 70. Mas esse projeto de largas pretensões ficou restrito ao Rio Grande do Norte e não teve maiores repercussões na educação nacional, como relata a pesquisa realizada por Santos (1981).

Algumas experiências transformaram a sala de aula em um cenário televisivo, levando a educação para além das quatro paredes da escola. As televisões educativas do Maranhão e do Ceará surgiram como alternativas para oferecer cursos de educação básica a distância, via tevê, e com isso suprir a carência de escolas e de professores nos dois estados, replicando a sala de aula para postos de recepção organizada, os chamados telepostos. Com aulas via televisão e monitores no lugar de professores para as disciplinas, essas experiências surgiram como alternativas para os proble-

mas de qualidade e acesso à escola, nas quatro últimas séries do ensino fundamental, e da falta de professores qualificados. Outras questões se impõem: qual a natureza da educação a distância com o uso da televisão? Qual o papel de professores e monitores? Em que tudo isso transforma o panorama educacional desses estados e como?

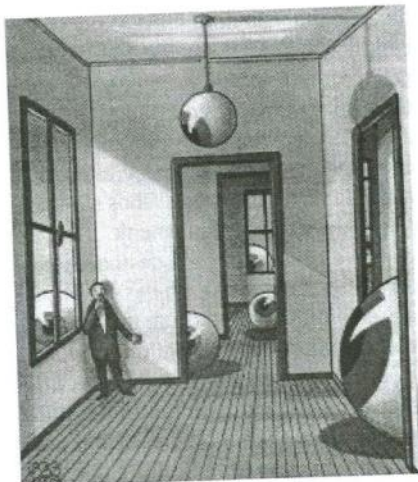
Até a nossa educação política também parece, há muito, ter migrado dos partidos e dos longos debates de núcleos e assembléias para o universo do mercado e das agências de publicidade que movem a mídia. Candidatos à presidência e até vereadores das mais remotas cidades são “vendidos”. Não se compram mais votos só com botinas e dentaduras, são os próprios candidatos que se oferecem como são oferecidos, nas telas, todos os demais produtos: margarinas, iogurtes, carros, supermercados, cartões de crédito.

Ainda não esgotamos todas as questões que o uso da televisão em educação faz emergir e já temos o computador que oferece outras possibilidades e outros processos de educação e comunicação. Seria uma rendição à máquina ou uma nova forma de superar as barreiras tecnológicas e sociais que continuam enormes? Que lógica científica e cultural amalgama educação e comunicação com a fusão desses dois meios – tevê e computador? O universo das manifestações culturais que têm como elementos constitutivos imagens, sons, cores, conformam um tipo de memória e igualmente uma forma de inteligibilidade e, portanto, permitem novas maneiras de expres-

são humana, diferente da escrita e da oral, que prevaleceram por muitos anos nas escolas.

A transmissão eletrônica de informações em imagem-som propõe uma maneira diferente de inteligibilidade, sabedoria e conhecimento, como se devêssemos acordar algo adormecido em nosso cérebro para entendermos o mundo atual, não só pelo conhecimento fonético-silábico das nossas línguas, mas pelas imagens-sons também (ALMEIDA, 1994:16).

No universo de produção e reprodução da cultura audiovisual, elegemos, recortamos, selecionamos imagens, mas também relegamos algumas ao esquecimento e, mesmo, escondemos outras. É por meio desse processo, de revelação e ocultação, que são construídas as linguagens e as narrativas audiovisuais que transmitem informações, conhecimentos, expressões humanas, para além dos propósitos contidos nos projetos comunicativo-educacionais. Parece que alcançamos, mesmo em educação, a primazia da visibilidade; doravante, o que é visível é o que tem valor e consegue atingir as telas, dos computadores, dos televisores. E se vemos, também somos cada vez mais vistos, construindo assim uma nova maneira de estar no mundo e de conviver em sociedade.



SELÇUK. *Sem título*. 1998. *Le Monde Diplomatique*, março, 1998.

Hoje parece que já ultrapassamos, no que diz respeito à comunicação e educação, ao que Orwell (1987), no seu livro *1984*, antecipou: o universo inteiramente visível. Somos educados para ver, mas também para sermos vistos. As câmeras espiam-nos por todos os lados, em caixa eletrônico, em porta de edifício, em shopping center. Em alguns lugares, acompanhadas da inscrição: "Sorria, você está sendo filmado". Poderíamos transformar, se quiséssemos, para: "Não chore, você está sendo vigiado", pois vemos em muitos momentos da vida moderna aplicações do panóptico, descrito por Jeremy Bentham e tão bem trabalhado por Foucault (1977) em *Vigiar e Punir*. A sociedade da visibilidade aparece ficcionada pelo cinema nos filmes *1984*, *O show de Truman*, *Ed TV* e outros. Esses últimos, antecipando em pouquíssimo tempo o que a

televisão viria a mostrar por meio de "espetáculos reais", como a Casa dos Artistas e o Big Brother Brasil, por exemplo. O que acontece nesses programas? Que tipo de educação pode ocorrer em situações dessa natureza, nas quais o público é chamado a participar e a interferir e a ficção penetra a realidade das ruas e as duas coisas parecem ser uma só?

Muitas outras questões se aproximam desse campo e espero que possamos respondê-las, não no espaço deste escrito, mas com pesquisas cada vez mais necessárias. Vivemos tempos paradoxais e, para além das categorias já velhas conhecidas, é preciso formular novas. Sobretudo, é necessário que compreendamos a natureza dos meios de comunicação para além das análises de conteúdo e forma. Marshall McLuhan (1964) já afirmava, em meados do século passado, que o meio é mensagem e com isso modificou toda uma forma de se compreender a comunicação de massa. Forma e conteúdo não são coisas dissociadas, andam juntas-separadas. E, da mesma forma, realidade e ficção estão imbricadas, amalgamadas nas narrativas do cinema e da televisão.

O computador, embora ainda restrito em número de equipamentos disponíveis, começa a colocar inquietações no universo das relações entre a educação e a comunicação. Crianças, jovens e adultos passam horas diante dele, navegando, trabalhando, pesquisando, se comunicando, se divertindo. Toda sorte de trabalho e diversão é possível. O computador é uma máquina pessoal. O seu controle remoto, o teclado, concentra toda a interação. Tudo

se resolve no universo do indivíduo, mesmo que no âmbito das redes informáticas. O que mudou com a introdução dos computadores em rede nas relações pessoais e institucionais? Estamos diante de uma outra máquina muito poderosa. E mais uma vez surgem questões: como realizar educação utilizando as potencialidades que o computador oferece? Que tipo de educação é possível realizar? Que tipo de comunicação é possível acontecer? Muitas pesquisas e experiências já apontam soluções e indicam caminhos.

Por outro lado, temos a televisão, que seria o que há de mais incluyente, pois, hoje, está em todas as casas, em todos os lugares. E há algumas casas nas quais é possível encontrar a tevê em todos os ambientes. No entanto, a televisão exclui em certa dimensão quando oferece produtos que não estão nem de longe disponíveis para todos. A narrativa da televisão apresenta todo tipo de imagens, cenas, espetáculos, não se preocupando com o público que será atingido e como serão afetados os telespectadores. É um produto da cultura, portanto de acesso mais amplo, não importando a qualidade do que é veiculado (embora o conceito de qualidade tenha sempre uma dimensão relativa). A mídia voltada para a educação talvez já tivesse que se preocupar com indagações tais como a adequação à idade, ao conteúdo a ser veiculado. Portanto, muitas questões se colocam para os educadores quando se trata do acesso à televisão (e mais recentemente da informática). Cabe aos pais e aos educadores a responsabilidade de selecionar e excluir, do que a mídia oferece, o que

deve e o que não deve ser visto por crianças, adolescentes, jovens. A educação sempre se deseja limpa, sem contradições e conflitos. Por isso, pais e educadores acabam assumindo o papel de *limpara* programação a ser vista, acreditando que, assim, realizam a educação de seus filhos e alunos. Mas a educação é, igualmente, parte da cultura e emerge também de origens obscuras. Talvez essa seja uma das perversidades do processo que procura unir comunicação e educação: a mídia na sua forma de manifestar-se culturalmente inclui, é democrática, dá acesso a todos. Bastando, para isso, que se tenha um aparelho de televisão ou um computador. E à escola, aos pais e educadores fica a incumbência, nem sempre possível, de, no limite, atuarem como censores.

Os avanços tecnológicos têm permitido grandes modificações na educação e na comunicação – juntas e separadas –, o que não significa dizer que se tenha avançado muito em direção às mudanças necessárias na formação do aluno e de toda a sociedade. Os novos processos de produção e veiculação de informação parece pouco terem alterado o conhecimento. Embora a humanidade jamais tenha disposto de tamanha gama de informações, o momento atual parece estar a exigir do homem uma reflexão profunda sobre si mesmo, sobre o que é estar neste mundo de tecnologias, informação, máquinas e contatos em diferentes níveis de aproximação. As tecnologias podem acelerar processos, criar novos métodos, encurtar distâncias, ou não. Tudo fica a depender do uso que delas fizemos.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons – a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- BELLONI, Maria Luiza. *Programa de formação do jovem telespectador: uma experiência de educação para a mídia*. Brasília: UNB, [s.d.]. (Material Pedagógico).
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo: IBESP, 1987.
- CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. *Castelo Rá-tim-bum – educação como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 1999.
- CHEVALIER, Jean et al. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- FREITAS et al. Carta de transdisciplinaridade, 1994. In NICOLESCO, Basarab et al. *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2000.
- GOULD, Stephen Jay. *O milênio em questão: um guia racionalista para uma contagem precisamente arbitrária*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- RANDOM, Michel. O belo. In: BASARAB, Nicolesco et al. *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2000.
- ROCCO, Maria Tereza Fraga. *A linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.